

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS TRÊS LAGOAS - CPTL
CURSO DE GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM

GABRYELA RODRIGUES DIAS MOREIRA

**PERCEPÇÃO DAS MÃES ACERCA DO ALEITAMENTO
MATERNO EXCLUSIVO E OS DESAFIOS PARA A ADESÃO:
REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

TRÊS LAGOAS - MS

2024

GABRYELA RODRIGUES DIAS MOREIRA

**PERCEPÇÃO DAS MÃES ACERCA DO ALEITAMENTO MATERNO
EXCLUSIVO E OS DESAFIOS PARA A ADEÇÃO: REVISÃO
INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do campus de Três Lagoas, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof^a Dr^a Sueli Santiago Baldan

TRÊS LAGOAS - MS

2024

Dedico este trabalho aos meus pais, que,
sob muito sol, nesses cinco anos de
graduação, me fizeram chegar neste
momento final pela sombra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus e aos meus pais, que me deram força e todo o apoio necessário para trilhar esse caminho que não foi fácil, mas com eles e por eles eu consegui.

À minha mãe, que diz que sou exemplo de coragem para ela, mas que foi quem botou o chão e lutou para que eu pudesse pisar onde quisesse.

Ao meu pai, que sempre acreditou em mim, às vezes mais do que eu mesma, *“Pai, mas só tem uma vaga para isso!”*, *“Mas você só precisa de uma para estar lá”*.

À minha família, meus avós, irmãos, tios e primos, que colocaram alguns blocos na construção desta jornada. Vocês são cuidadosos, resilientes, dão suporte, graça, amor e alegria, e isso diz muito sobre mim, vocês me resumem como pessoa.

Aos meus amigos, afinal foi a amizade que me trouxe até esta exata faculdade (Valeu Gabi), e também foi a amizade que manteve aqui, até porquê, de segunda a sexta (pós-pandemia), eu passava das 07h da manhã às 17h da tarde com vocês, meus almoços, os intervalos escolhidos por nós mesmos; e os lanches e coquinhas que não podem faltar. A nossa loucura deu match e assim nos unimos com o propósito de não deixar ninguém para trás (foi proibido trancar a faculdade, mesmo que todo fim de semestre desce vontade).

À Dieny, uma amiga mais chegada do que um irmão, concedida diretamente por Deus, que me aturou todos esses anos, foi sincera, parceira, e muito, mas muito paciente, e eu espero que continue brilhando cada dia mais.

Aos professores desta instituição, em especial a Prof^a Dr^a Sueli Santiago, minha orientadora, que foi uma mãe no processo de desenvolvimento deste trabalho.

E por último, agradeço a mim, que lutei contra mim mesma todos esses anos, contra o desânimo, o medo e insegurança, o cansaço e a vontade de jogar tudo pro alto (até lembrar que ainda não tinha nada e voltar a estudar :)

Minha sincera e eterna gratidão.

RESUMO

O aleitamento materno exclusivo (AME) é amplamente reconhecido como a forma ideal de nutrição para bebês nos primeiros seis meses de vida, com benefícios abrangentes para a saúde da mãe e da criança. No entanto, apesar das evidências científicas e das campanhas de promoção, as taxas de AME ainda estão abaixo das metas globais, especialmente em países em desenvolvimento. Esta revisão integrativa teve como objetivo analisar a literatura disponível sobre a percepção das mães acerca do AME, identificando os benefícios e desafios relacionados à sua adesão. Foram incluídos seis estudos publicados entre 2018 e 2024, que abordaram diversos aspectos relacionados ao AME. Os resultados indicam que as mães percebem os benefícios do AME para si e para seus filhos, incluindo a proteção contra doenças, o fortalecimento do vínculo materno-infantil e a praticidade. No entanto, diversos desafios foram identificados, como a falta de apoio social, a insegurança em relação à produção de leite, as dificuldades no manejo da amamentação, as crenças culturais e a influência de terceiros. Conclui-se que a adesão ao AME é um processo complexo, influenciado por fatores individuais, sociais e culturais. A qualificação dos profissionais de saúde para oferecer suporte adequado às mães que amamentam é crucial para aumentar as taxas de AME. Estratégias de educação em saúde, empoderamento feminino e apoio social são essenciais para garantir o sucesso da amamentação e promover a saúde materno-infantil.

Palavras-chave: Aleitamento materno exclusivo; Assistência pré-natal; Assistência à saúde materno-infantil; Lactente.

ABSTRACT

Exclusive breastfeeding (EBF) is widely recognized as the ideal form of nutrition for babies in the first six months of life, with extensive benefits for the health of both mother and child. However, despite scientific evidence and promotional campaigns, EBF rates still fall short of global goals, especially in developing countries. This integrative review aimed to analyze the available literature on mothers' perceptions of EBF, identifying the benefits and challenges related to its adherence. Six studies published between 2018 and 2024 were included, covering various aspects related to EBF. The results indicate that mothers perceive the benefits of EBF for themselves and their children, including protection against diseases, strengthening of the mother-child bond, and practicality. However, several challenges were identified, such as lack of social support, insecurity regarding milk production, difficulties in breastfeeding management, cultural beliefs, and the influence of third parties. It is concluded that adherence to EBF is a complex process, influenced by individual, social, and cultural factors. The qualification of health professionals to offer adequate support to breastfeeding mothers is crucial to increase EBF rates. Health education strategies, female empowerment, and social support are essential to ensure breastfeeding success and promote maternal and child health.

Keywords: Exclusive breastfeeding; Prenatal care; Maternal and child health care; Infant.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma da seleção amostral dos estudos incluídos na revisão integrativa...15

QUADROS

Quadro 1 - Apresenta a análise dos estudos de acordo com: número do estudo, autor/ano, título, objetivo, tipo de estudo, resultados principais e revista publicada.....18

FICHA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Aleitamento materno
AME	Aleitamento materno exclusivo
ESF	Estratégia Saúde Família
IA	Introdução alimentar
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNAM	Programa Nacional de Aleitamento Materno
RN	Recém - nascido
SBP	Sociedade Brasileira de Pediatria
VD	Visita domiciliar

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 Classificação do aleitamento materno.....	11
2.2 Orientações obtidas por gestantes e puérperas sobre o AME.....	12
3. OBJETIVOS.....	14
4. MÉTODO.....	15
5. RESULTADOS.....	18
6. DISCUSSÃO.....	22
7. CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

O aleitamento materno é uma prática que consiste no recém-nascido se nutrir do leite no ato da amamentação, mesmo estando ou não ingerindo outros alimentos. Enquanto o Aleitamento Materno Exclusivo (AME) significa que o bebê está recebendo apenas o leite como fonte de alimentação, sendo negado qualquer outra forma de comida, seja ela liquefeita ou solidificada (Furtado, 2018).

O leite materno é uma excelente fonte de nutrientes essenciais para o crescimento e desenvolvimento do recém-nascido, também fornece agentes imunizantes e promove conforto psicológico. Em relação às mulheres, a amamentação estimula a secreção de oxitocina, que pode proteger contra transtornos de humor maternos promove a involução uterina, retarda o retorno da fertilidade, supressão temporária da ovulação, permite que elas otimizem seu papel como mães e se constitui em um fator de proteção contra o câncer de ovário e de mama. (Silva *et al.*, 2013; Furtado, 2018; Campos *et al.*, 2020).

Ao longo da década de 1970, por conta da urbanização, da entrada das mulheres na força de trabalho e da força da publicidade não regulamentada do leite industrial, houve uma baixa adesão ao aleitamento, levando a um índice alto do desmame (Boccolini *et al.*, 2020).

A ausência dessa fonte de alimentação para o recém-nascido está intrinsecamente relacionada com a mortalidade infantil no Brasil, seguindo pela prematuridade, e redução da imunidade sendo uma porta de entrada para infecções e outras patologias como: diarreia, anomalias congênitas, asfixia durante o parto, sepse neonatal e desnutrição, sendo mais comuns no primeiro mês de vida do recém-nascido (Alves, 2021).

Como reação a esses fatos, em 1981, o Brasil lançou o Programa Nacional de Aleitamento Materno (PNAM), com o objetivo de ampliar o aleitamento materno exclusivo em crianças de 0 a 6 meses e aumentar a duração do aleitamento materno aproximando-se das recomendações preconizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que enfatiza que a abordagem mais desejável e essencial para nutrir uma criança é por meio da amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida, sendo esta prática recomendada por um período mínimo de dois anos ou mais (Brasil, 2009; Boccolini *et al.*, 2017).

Apesar das vantagens bem estabelecidas do aleitamento materno, o Brasil ainda está atrás das taxas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde para o AME. De fato, a OMS pretende melhorar essas taxas para lactentes até seis meses de idade até 2025, como parte de suas Metas Globais de Nutrição (WHO, 2017).

Considerando que a amamentação é um processo complexo, que envolve diversos fatores como questões sociais, biológicas, psicológicas e culturais, é fundamental respeitar e apoiar as decisões maternas, garantindo a melhor nutrição possível para o recém-nascido. Por esta razão, o manejo clínico da amamentação deve começar durante o pré-natal, quando as mulheres podem aprender sobre a fisiologia da lactação, os benefícios da amamentação para si e para seus bebês e horários de alimentação. Ao começar essa prática cedo, a orientação eficaz pode levar a menos intervenções assim que a amamentação começar (Sousa *et al*, 2021).

Portanto, é imprescindível garantir que as mães que amamentam sejam encorajadas a prosseguir com o aleitamento materno exclusivo de forma natural, além de propiciar uma escuta ativa, sanando suas dúvidas, para compreendê-las de modo a tornar a amamentação um ato de prazer para prevenir agravos e promover a saúde da mãe e do filho. (Lima; Nascimento, 2018).

Diante do exposto e, considerando minha afinidade com temas relacionados à saúde materno infantil, tanto durante as aulas teóricas, como práticas e no estágio, resolvi me aprofundar um pouco sobre o tema e buscar conhecer um pouco mais sobre as vivências e opinião das mulheres que amamentam, ou amamentaram para identificar as potencialidades e desafios relacionados à adesão ao AME.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Classificação do aleitamento materno

Segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2007), o aleitamento materno classifica-se de cinco diferentes formas, sendo estas: AME, aleitamento materno predominante, aleitamento materno complementado, apenas o aleitamento materno, e aleitamento materno misto ou parcial.

O AME pode ser caracterizado quando o bebê recebe somente leite humano, podendo ser direto da mama ou ordenhado, sem outros líquidos ou sólidos, com exceção de gotas ou xaropes contendo vitaminas, sais de reidratação oral, suplementos minerais ou medicamentos (Silva *et al.*, 2019). Quando a criança recebe, além do leite humano, água ou bebidas à base de água como por exemplo: água adoçada, chás ou infusões e sucos de frutas denomina-se aleitamento materno predominante (Passanha *et al.*, 2015).

No aleitamento materno complementado a criança recebe, além do leite materno, qualquer alimento sólido ou semissólido com a finalidade de complementá-lo, e não de substituí-lo. Esta classificação da amamentação é recomendada após os 6 meses de vida, visto que, antes desse período o leite materno é capaz de suprir todas as necessidades nutricionais do bebê (Monte *et al.*, 2004).

A classificação de apenas aleitamento materno é mais generalizada e se caracteriza quando a criança recebe leite materno, podendo ser direto da mama ou ordenhado, independente de receber ou não outros alimentos. Diferencia-se do aleitamento materno misto, pois este é caracterizado quando a criança recebe leite materno e outros tipos de leite (Ribeiro, 2022).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) não recomenda uso do leite de vaca para crianças menores de um ano, visto que tal alimento apresenta elevados e inadequados teores de proteínas, de sódio, de cloretos de potássio e de fósforo, além de insuficientes quantidades de carboidratos, de ácidos graxos essenciais, de vitaminas e de minerais para essa faixa etária (Brasil, 2009).

Comparando-se ao uso de fórmulas infantis, o leite de vaca, seja ele líquido ou em pó, mesmo não sendo a melhor opção de alimentação para crianças menores de 12 meses, é o mais utilizado pelas mães brasileiras, em função do seu baixo custo. (Brasil, 2009).

A prática do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida e complementado até os dois anos de idade da criança, ou mais, deve ser estimulada, principalmente pelos profissionais de saúde, enquanto que o oferecimento de outros leites para crianças, em situações desnecessárias deve ser inibido (Brasil, 2009).

2.2 Orientações obtidas por gestantes e puérperas sobre o AME

Apesar das diversas informações e campanhas vinculadas a programas de promoção de saúde, o aleitamento materno exclusivo, sob livre demanda ainda é pouco vivenciado pelas mães, principalmente as de “primeira viagem”, além disso a pouca ou nenhuma informação contribui para as crenças populares, como a concepção errônea sobre “leite fraco”, nesse ínterim a educação em aleitamento materno e intervenções dos profissionais de saúde, ainda no pré-natal e no puerpério, exerce efeito significativo no aumento e persistência das taxas de amamentação entre mulheres de baixa renda e baixa escolaridade (Madruga, 2020).

Estudo realizado para caracterizar o conhecimento das mulheres acerca do aleitamento, observou que o sucesso da prática do aleitamento materno depende do preparo das mulheres em seu ciclo-gravídico puerperal, principalmente durante o pré-natal. Constatou-se também que o conhecimento relativo à prática e resultados benéficos do aleitamento materno-infantil é superficial. Portanto, as orientações oferecidas acerca do AME, são uma das principais responsáveis pela aplicabilidade da amamentação e pelo desejo em praticá-la, da mesma forma que a ausência dessa orientação resulta no desmame precoce devido a experiências e influências externas (Rocha, 2018).

Um estudo longitudinal realizado em Hong Kong investigou a influência de um programa educacional na autoeficácia, na duração e na taxa de aleitamento materno exclusivo. Um grupo de setenta e uma mulheres, com idade gestacional entre 28 e 38 semanas, participaram do treinamento com duração de duas horas e meia e, posteriormente, receberam aconselhamento por telefone, duas semanas após o parto. Os resultados demonstraram que as mães que participaram do programa apresentaram maior pontuação na pesquisa da autoeficácia para amamentar no período de puerpério, taxa de aleitamento materno exclusivo no sexto mês após o parto foi de 11,4% no grupo que participou do programa e de 5,6% no grupo controle (Madruga, 2020).

A orientação ofertada pelos profissionais, principalmente da atenção primária à saúde, leva à superação de barreiras que interferem na amamentação e na melhora dos resultados da saúde do binômio mãe-filho (Rocha, 2018).

Assim, por acreditar na importância do aleitamento materno, haja visto que é um processo que envolve interação profunda entre mãe e filho, com repercussão no estado nutricional da criança, no seu desenvolvimento cognitivo e emocional, resolveu-se elaborar esta pesquisa a fim de identificar a percepção das mães sobre os aspectos positivos e negativos do AME e os fatores que interferem na adesão ao AME.

3. OBJETIVOS

Geral:

Identificar na literatura disponível, os benefícios percebidos pela mãe acerca do aleitamento materno exclusivo.

Específicos:

Identificar na literatura disponível, os benefícios percebidos pela mãe acerca do aleitamento materno exclusivo, para a mãe;

Identificar na literatura disponível, os benefícios percebidos pela mãe acerca do aleitamento materno exclusivo para a criança; e

Identificar na literatura disponível, fatores que interferem na adesão ao AME.

4. MÉTODO

De modo a atingir os objetivos propostos, optou-se pela realização de uma revisão integrativa da literatura.

A revisão integrativa da literatura inclui a análise de estudos relevantes que podem demonstrar lacunas no conhecimento de uma determinada temática, além de explicitar as áreas que carecem de mais pesquisas. Este método de estudo inclui a análise de pesquisas de maior relevância que sustentam e dão suporte à tomada de decisão e à melhoria da prática clínica (Ercole; Melo, 2014).

Essa abordagem e tipo de pesquisa, pode gerar fontes atuais de conhecimento sobre um problema e determinar se esse conhecimento é validamente aplicado à prática clínica, porém, para que as evidências produzidas pela revisão integrativa sejam confiáveis, elas devem ser realizadas seguindo um padrão de rigor metodológico para que os profissionais consigam identificar características analíticas de pesquisas e subsídios para o avanço da enfermagem (Pompeo; Rossi; Galvão, 2009).

As autoras Mendes, Silveira e Galvão (2008), descrevem as seis etapas do procedimento de criação da Revisão Integrativa, a seguir estão descritas as formas utilizadas, em cada etapa, para a elaboração da revisão integrativa.

Primeira etapa: identificação do tema ou questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa:

O presente estudo desenvolvido, tem como questão norteadora: Qual a percepção das mães acerca da prática do aleitamento materno exclusivo?

Segunda etapa: estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos ou busca na literatura

Os critérios de inclusão para a seleção dos conteúdos foram artigos completos, publicados na íntegra, nos idiomas português e inglês, publicados no período de 2018 a 2024, com acesso livre.

Os artigos que não respondessem à questão norteadora, materiais duplicados, artigos de revisão, teses, dissertações, monografias, editoriais, trabalhos incompletos, resumos, debates, relato de caso, relato de experiência e capítulos de livro, foram excluídos do estudo.

A coleta de dados das publicações foi realizada nas seguintes bases de dados: PUBMED (National Center for Biotechnology Information), SciELO (Scientific

Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e MEDLINE (Literatura Internacional em Ciências da Saúde) realizadas no mês de março a maio de 2023 e junho de 2024. Foram usados os seguintes descritores: Breastfeeding, Exclusive Breastfeeding, Maternal Perception, Breastfeeding Practices combinados com o operador booleano “AND.”

Terceira etapa: definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados.

Foi realizada a leitura preliminar dos títulos e resumos dos estudos a fim de garantir que atendam os critérios de inclusão e exclusão.

As duplicatas dos estudos dos diferentes bancos de dados foram eliminadas após o ordenamento dos títulos, primeiro autor e resumo, sendo excluídos dois estudos.

Esta etapa selecionou 16 artigos completos para análise e leitura dos textos completos.

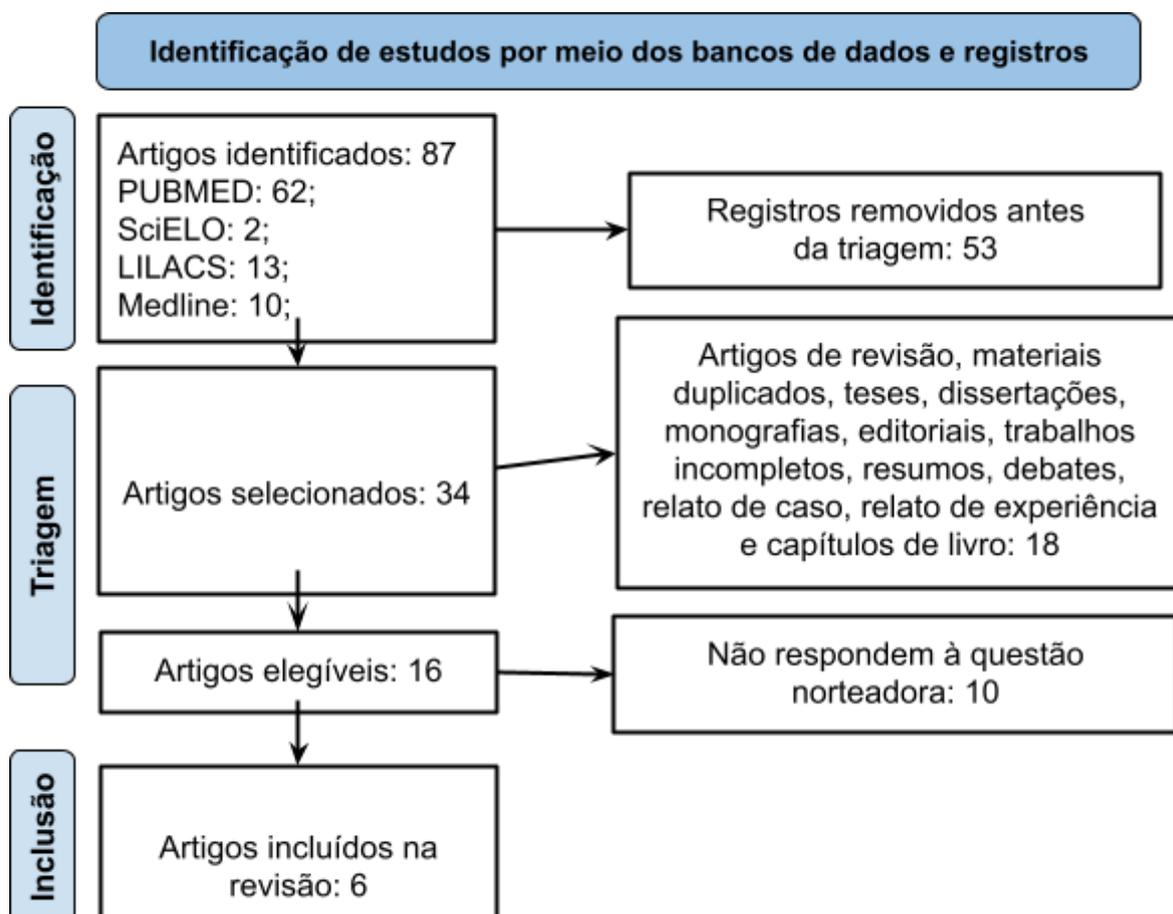
Quarta etapa: avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa

Após a análise dos textos completos, foram selecionados 06 artigos que atenderam aos critérios de inclusão de pesquisa deste trabalho. O fluxograma metodológico com o detalhamento das etapas de pesquisa está apresentado na Figura 1.

Quinta etapa: interpretação dos resultados

Os estudos incluídos foram organizados em um quadro, seguindo a ordem: autor/ano, título, objetivos do estudo, tipo de estudo, resultados principais e revista/periódico de publicação.

Figura 1. Fluxograma da seleção amostral dos estudos incluídos na revisão integrativa.



Fonte: Elaboração própria, 2024

5. RESULTADOS

Nesta revisão integrativa, seis artigos atenderam aos critérios de inclusão de pesquisa. Os estudos selecionados são apresentados no quadro 1, seguindo a ordem: autor/ano, título, objetivos do estudo, tipo de estudo, resultados principais e revista/periódico de publicação.

Os resultados demonstram que não ter um parceiro, sendo mãe solo, divorciada ou viúva e não ter uma rede de apoio de amigos ou familiares, representa um fator de dificuldade para a amamentação, devido à falta de suporte para o atendimento a outras necessidades domésticas e financeiras do binômio mãe-filho. A opinião de terceiros exerce influência importante na decisão das mães em relação ao abandono da amamentação, conforme relatado em um dos artigos investigados. A idade materna se mostrou um fator relevante para o aleitamento materno, onde mães mais jovens apresentam uma prevalência menor de AME, em comparação a mães mais velhas.

Quadro 1. Apresenta a análise dos estudos de acordo com: número do estudo, autor/ano, título, objetivo, tipo de estudo, resultados principais e revista publicada.

(continua)

Nº do estudo	Autor	Ano	Título	Objetivo	Tipo de estudo	Resultados principais	Revista/Publicação
1	ROCHA, <i>et al.</i>	2018	Caracterização do conhecimento das puérperas acerca do aleitamento materno.	Explorar as experiências positivas e negativas de mães com amamentação exclusiva	Estudo descritivo qualitativo	Os fatores negativos e positivos encontrados foram: a demanda constante da criança pelo peito, a impossibilidade de distanciar-se da criança, a dor ao amamentar e a insegurança quanto à capacidade de produzir leite suficiente. Por outro lado, as principais vivências positivas foram os benefícios biológicos do leite materno, o vínculo mãe-filho, a praticidade e o menor custo	Revista Caderno de Saúde pública
2	HOSSAIN, <i>et al.</i>	2018	Prática de amamentação exclusiva durante os primeiros seis meses de vida de uma criança em Bangladesh: um estudo transversal de base nacional.	Determinar a prevalência e os fatores associados à amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida de uma criança em Bangladesh.	Estudo transversal	Observou-se que a prevalência geral da prática de AME entre as mães de Bangladesh foi de 35,9%. A idade materna foi apontada como um dos principais determinantes significativamente associados ao AME. As mães mais jovens tiveram menor probabilidade de aderir à prática do AME e as taxas de AME aumentaram entre as mães com o aumento da idade.	Revista BMC pediatria

Quadro 1. Apresenta a análise dos estudos de acordo com: número do estudo, autor/ano, título, objetivo, tipo de estudo, resultados principais e revista publicada.

(continua)

3	GANLE, MAJDOUB	2020	Discontinuation of Exclusive Breastfeeding in Ghana: A Longitudinal, One-Group Observational Study of Postnatal Mothers With Children 0–6 Months old	Busca determinar a interrupção do aleitamento materno exclusivo e examinar os fatores ligados à interrupção do aleitamento materno exclusivo.	Estudo observacional longitudinal	Entre as 322 mães que iniciaram a amamentação com leite humano ao nascer, 108 (34%) interromperam a amamentação exclusiva antes de 6 meses após o parto. Após o controle de possíveis covariáveis, comparecimento ao pré-natal 4 ou menos vezes durante a gravidez; falta de apoio da família para amamentar exclusivamente; pressão externa para fornecer outros alimentos ao bebê < 6 meses após o parto e viver em uma área urbana, aumentaram significativamente os riscos de descontinuar a amamentação exclusiva.	Journal of Human Lactation
4	GAAL.	2022	Barriers To Exclusive Breastfeeding Among Mothers With Children Aged 6-9 Months In Mogadishu City, Somalia	Identificar fatores sociais e culturais que podem influenciar a prática do aleitamento materno exclusivo entre mães com bebês de 6 a 9 meses em Mogadíscio, para informar e trazer uma base de apoio para uma reparação.	Estudo transversal de base comunitária	O estudo revelou que mulheres casadas têm uma maior probabilidade de praticar a amamentação exclusiva em comparação com mulheres solteiras, divorciadas ou viúvas, devido ao apoio social e financeiro recebido. Mães com maior nível de escolaridade também têm mais chances de amamentar exclusivamente. As que não foram aconselhadas a oferecer alimentos/bebidas aos bebês amamentaram mais do que as que foram orientadas a introduzir alimentos semissólidos. Práticas culturais, como a introdução de tâmaras e água, assim como a crença de que o leite materno é insuficiente, também interferem na amamentação exclusiva.	Revista BMC pediatria
5	DOS SANTOS, <i>et al.</i>	2022	Prática do Aleitamento	Identificar a percepção das mães de crianças menores	Estudo descritivo transversal	Pode-se observar neste estudo que entre as causas encontradas para o desmame precoce estão as crenças quanto ao leite materno não ser suficiente para o bebê e	Revista Unilasalle

Quadro 1. Apresenta a análise dos estudos de acordo com: número do estudo, autor/ano, título, objetivo, tipo de estudo, resultados principais e revista publicada. (conclusão)

			Materno Exclusivo: Conhecimento de gestantes	de 2 anos acerca da importância do aleitamento materno e analisar as causas de desmame precoce.	quantitativo	a introdução de novos alimentos. Revelando a importância da implementação de estratégias que visem a adesão, a promoção, e o aumento da prevalência do aleitamento materno exclusivo.	
6	TAKEMOTO, <i>et al.</i>	2023	Percepção materna sobre aleitamento: importância e fatores que influenciam o desmame precoce em um município do estado do Maranhão, Brasil.	Identificar o conhecimento das gestantes referente à prática de aleitamento materno exclusivo.	Estudo qualitativo	Este estudo avaliou o conhecimento de 13 gestantes sobre o aleitamento materno exclusivo (AME). Embora reconhecessem os benefícios do leite materno, as participantes demonstraram desconhecimento sobre o conceito real de AME, acreditando que a oferta de chás e água não o descaracteriza. O estudo destaca a necessidade de ações educativas durante o pré-natal para desmistificar o uso de chás e água, promovendo a adesão ao AME até os seis meses e esclarecendo as desvantagens do desmame precoce. A pesquisa ressalta a importância do apoio profissional para o sucesso da amamentação, empoderando as mães para a prática do AME e contribuindo para o bem-estar da mãe-filho.	Revista arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR

Fonte: Elaboração própria, 2024.

6. DISCUSSÃO

Os dados levantados demonstram que as mães reconhecem benefícios para si e para a criança ao adotar o AME, porém existem diversas barreiras que interferem na adesão ou manutenção dessa forma de alimentação, como aspectos culturais e sociais.

Os autores investigados destacam a diferença da adesão e prevalência do AME dentre as mães que possuem um parceiro ou familiar como rede de apoio e das mães solo, tendo em vista a sobrecarga das mães que não possuem auxílio para tarefas domésticas e ajuda na área financeira, tendo que retornar mais cedo ao trabalho (Hossain *et al.*; Rocha *et al.*, 2018; Ganle; Majdoub, 2019).

A família como rede de apoio à puérpera é descrita por Dantas *et al.* (2021) como um ponto de incentivo e força no processo de AM, trazendo o desejo de lutar contra as adversidades que se projetam durante o puerpério, sendo também um fator que pode afetar negativamente o AME, onde essa rede de apoio acaba inferiorizando a necessidade do AME até os seis meses e a capacidade da mãe de fornecer alimento suficiente para o lactente.

Hossain *et al.* (2018) traz em seu estudo a relevância do fator da idade materna em relação a prevalência do AME, tendo em vista que mães jovens tendem a praticar menos o AME, devido ao fato de terem menos conhecimento sobre a prática devido a sua pouca idade e terem mais oportunidades de emprego por serem jovens, desse modo tendo menos tempo para amamentar.

Entretanto, Ribeiro *et al.* (2022) não corrobora com a ideia de que mães mais jovens, adolescentes tenham menos conhecimento devido a sua pouca idade, pois elas demonstram maior interesse na prática do AME do que as mães de maior idade, apesar de apresentarem menos ânimo para praticar a amamentação do que estas.

O nível de escolaridade também aparece como uma barreira importante na adesão ao AME, pois segundo Gaal (2022) e Dos Santos *et al.* (2022), as lactantes que possuem primeiro grau ou não possuem nenhum nível de escolaridade apresentam menor probabilidade de praticar o AME do que as com maior nível de escolaridade. Silva *et al.*(2021) cita o baixo nível de escolaridade como fator negativo associado à interrupção da AME, tendo em vista que mães com baixa

escolaridade têm menos acesso a informações, desconhecendo desta forma o grau de importância do aleitamento materno exclusivo e assim deixando de praticá-lo.

Foi destacado por Ganle e Majdoub (2020) que o local de moradia é uma condição relevante para o acontecimento ou não do desmame precoce, considerando que nas famílias de área urbana o desmame antes dos seis meses previsto pela OMS acontece com maior frequência em comparação com famílias de área rural.

Porém, Senanayake *et al.* (2019) contrapõe essa condição, trazendo dados em seu estudo realizado com a população indiana, que relatam o oposto, onde as mães de regiões urbanas apresentam maior índice de início precoce da amamentação ainda na primeira hora pós-parto. Em relação ao Brasil, Pereira *et al.* (2023) apresenta que as áreas rurais são menos suscetíveis a terem taxas de amamentação boas em comparação com grandes áreas de urbanização.

No estudo realizado por Dos Santos *et al.* (2022) se observa que fatores como as crenças culturais por vezes ultrapassam o conhecimento adquirido com profissionais capacitados da área da saúde, pois grande parte das mães realizou o desmame precoce, principalmente por acreditarem que proviam pouco leite para o bebê, realizando a introdução alimentar (IA) precoce.

A IA precoce e o desmame antes dos seis meses estão interligados, possivelmente causando a introdução de novas fontes alimentares na dieta da criança, acontecimento interligado a prováveis prejuízos ao desenvolvimento e qualidade de vida do bebê, tendo potencial para o risco de obesidade infantil ou obesidade em outros períodos da vida. (Ribeiro, 2020)

Conforme demonstrado por Takemoto *et al.* (2023), muitas mulheres não têm conhecimento pleno sobre o real conceito do que é o AME e qual a duração mínima recomendada sem introduzir alimentos como, chás, sucos e água, mesmo que o leite materno supre necessidades como sede e fome do lactente.

Mendes *et al.* (2019) apresentou em seu estudo, dados que relatam que uma IA precoce, com menos 60 dias de vida do bebê, utilizando leite não humano ou fórmulas, podem comprometer a duração ideal do AME.

E é por isso que é preciso fortalecer as ações educativas para conscientização das gestantes e de sua rede de apoio sobre os benefícios do AME. A enfermagem tem papel fundamental no desenvolvimento dessas ações adotando

diferentes estratégias, como rodas de conversa, grupos para aconselhamento sobre o aleitamento exclusivo, incentivando a adesão e continuidade do AME (Palheta; Aguiar, 2021).

A visita domiciliar (VD) é uma dessas ações, sendo um recurso útil e acessível para grande parte das USFs, e visa promover a saúde, prevenir doenças e garantir o diagnóstico precoce de condições que afetam a saúde, tanto da nutriz quanto do bebê, auxiliando na prática do AME em casa, orientando conforme a necessidade do binômio, além de levar conforto e o sentimento de cuidado e pertencimento a mãe e familiares (Lima; Araújo, 2021).

Considerando esses fatores, a atuação ativa do enfermeiro no pré-natal e puerpério e as ações educativas que a enfermagem desenvolve sobre os benefícios que a amamentação oferece aos bebês e às mães, são o ponto de partida para o sucesso, é um fator determinante para construção de um conhecimento e confiança necessários para um processo de AME com menos dificuldades, inseguranças e intercorrências devido a desinformação ou convicção em crenças populares (Lopes *et al.*, 2020).

7. CONCLUSÃO

Os resultados obtidos neste estudo evidenciaram que, apesar de reconhecer os benefícios do AME tanto para si como para a criança, a adesão ao AME ainda é um desafio, especialmente em áreas rurais, entre mães com menor escolaridade e rede de apoio limitada. A falta de apoio familiar e social contribui sobremaneira para o desmame precoce, especialmente para mães solo que enfrentam dificuldades para conciliar a amamentação com as responsabilidades maternas, domésticas e do trabalho.

Chama a atenção o fato de que a insegurança materna em relação à produção de leite, a influência de crenças populares e a introdução precoce de outros alimentos, além de dificuldades relacionadas ao manejo da amamentação, como dor e a demanda constante do bebê, prejudicam o AME exclusivo e a inserção a precoce de alimentos.

Esses fatores, provavelmente, estão relacionados a falhas no atendimento durante o pré-natal e puerpério, momento que deve ser aproveitado para a educação em saúde, esclarecimento de dúvidas e inseguranças da mãe, do cônjuge e familiares acerca dos cuidados com a criança desde o nascimento, promovendo a saúde do binômio mãe-filho, assegurando um crescimento e desenvolvimento adequado, evitando doenças respiratórias, desnutrição e outras doenças prevalentes na infância.

A qualificação dos profissionais de saúde para oferecer suporte de qualidade e acolhedor às mães que amamentam é crucial para contribuir com o aumento das taxas de AME, em consonância com as metas da OMS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, T. F.; COELHO, A. B. Mortalidade infantil e gênero no Brasil: uma investigação usando dados em painel. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 4, p. 1259-1264, Abril. 2021. Disponível em: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/mortalidade-infantil-e-genero-no-brasil-uma-investigacao-usando-dados-em-painel/17601?id=17601>. Acesso em: 17 abr. 2023.

ALVES, T. R. de M. *et al.* Contribuições de enfermeiros na promoção do aleitamento materno exclusivo. **Rev Rene**, v. 19, e33072, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3240/324054783060/>. Acesso em: 24 out. 2024.

BOCCOLINI C .S. I. *et al.* Tendência de indicadores do aleitamento materno no Brasil em três décadas. **Revista Saúde Pública**, v. 51, p. 108-117, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/jjBjBwy3Rm6sJfZBfNgRQqD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de atenção à saúde. departamento de atenção básica. saúde da criança. **Nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Cadernos de Atenção Básica, v. 23, 2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.

CALIL, V. M. L. T.; FALCÃO, M. C. Composição do leite humano: o alimento ideal. **Revista de Medicina**, v. 82, n. 1-4, p. 1-10, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/62475>. Acesso em: 19 abr. 2023.

CAMPOS, P. M. *et al.* Contato pele a pele e aleitamento materno de recém-nascidos em um hospital universitário. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 41, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngen/a/d9ZGSyPWYzSWvDv3r8fPHfp/?format=pdf&lang=p>. Acesso em: 14 abr. 2023.

CAPUTO, N. M. Caderno de atenção à saúde da criança: aleitamento materno. Secretaria de Estado da Saúde. Banco de Leite Humano de Londrina. IBFAN Brasil. **Sociedade Paranaense de Pediatria**. Paraná, 48 p. 2013. Disponível em: https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-07/pdf3.pdf. Acesso em: 26 abr. 2023.

CASTILHO, S. D.; BARROS F. A. A. Alimentos utilizados ao longo da história para nutrir lactentes. **Jornal de Pediatria**, v. 86, n. 3, p. 179–188, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/6NLxPTmyxGShHgT9mmcLRDh/?lang=pt>. Acesso em: 29 abr. 2023.

CHAN, M. Y. The effect of a self-efficacy-based educational programme on maternal breast feeding self-efficacy, breast feeding duration and exclusive breast feeding rates: a longitudinal study. **Midwifery**, v. 36, p. 92–98, Maio, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0266613816300055?via%3Dihub>. Acesso em: 29 abr. 2023.

DANTAS, A. P. G. F. *et al.* Amamentação e a rede de apoio para sua efetividade: perspectivas da literatura atual. **Debates Interdisciplinares em Saúde**, v. 1, p. 157-169, 2020. Disponível em: <https://periodicojs.com.br/index.php/easn/article/view/188>. Acesso em: 16 out. 2024.

DOS SANTOS, N. N. B. *et al.* Percepção materna sobre aleitamento: importância e fatores que influenciam o desmame precoce em um município do estado do Maranhão, Brasil. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 10, n. 2, p. 1-12, 2022. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/8070. Acesso em: 08 out. 2024.

ERCOLE, F. F. *et al.* Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**. 2014, vol.18, n.1, p.09-11. Disponível em: https://www.revenf.bvs.br/pdf/reme/v18n1/en_v18n1a01.pdf. Acesso em: 26 mai. 2023.

FRANZIN, L. C. S.; SAAB, F. J. Fatores associados ao desmame precoce em bebês atendidos em uma unidade de saúde do sul do Brasil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10327>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FURTADO, L.; ASSIS, T. Diferentes fatores que influenciam na decisão e na duração do aleitamento materno: uma revisão da literatura. **Revista Movimenta** v. 5, n. 4, p. 303-312, Março, 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/view/7073/4842>. Acesso em: 14 abr. 2023.

GAAL, D. A. Barriers To Exclusive Breastfeeding Among Mothers With Children Aged 6-9 Months In Mogadishu City, Somalia. **Journal of Pharmaceutical Negative Results**, v. 13, p. 473–476, 2022. Disponível em: <https://pnrjournal.com/index.php/home/article/view/2177>. Acesso em: 5 set. 2024.

GANLE, J. K.; MAJDOUB, V. M. B. Discontinuation of Exclusive Breastfeeding in Ghana: A Longitudinal, One-Group Observational Study of Postnatal Mothers With Children 0–6 Months old. **International Lactation Consultant Association**, v. 36, n. 2, p. 461–470, 2020. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0890334419871012?casa_token=YtM2DQrKvMIAAAAA:uWzMKFsXCHVbl3nSrl1sccog_r12cYUFtYBw8gtwW4PFkZK_F4QXhxlg7kDNZ0KK4xuKbO9c7JrdXQ. Acesso em: 6 set. 2024.

HOSSAIN, M. *et al.* Exclusive breastfeeding practice during first six months of an infant's life in Bangladesh: a country based cross-sectional study. **BMC Pediatrics**. v.

18, n. 93, p. 1-9. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5833089/>. Acesso em: 5 set. 2024.

KROL, K. M.; GROSSMANN, T. Efeitos psicológicos da amamentação em crianças e mães. **Bundesgesundheitsbl**, v. 67, p. 977-985, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00103-018-2769-0>. Acesso em: 04 mai. 2023.

LEITE, M.F.F.S. *et al.* Promoção do aleitamento materno na primeira hora de vida do recém-nascido por profissionais da enfermagem. **Arquivos de Ciência Saúde da UNIPAR**. v. 20, n. 2, p. 137-43, 2016. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/5386>. Acesso em: 03 mai. 2023.

LIMA, A. P. C.; NASCIMENTO, D. S. A prática do aleitamento materno e os fatores que levam ao desmame precoce: uma revisão integrativa. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 6, n. 2, p. 189-196, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1633/640>. Acesso em: 14 abr. 2023.

LIMA, C. S. DE; ARAÚJO, T. C. V. DE. A visita domiciliar do enfermeiro da Estratégia Saúde da Família na atenção ao puerpério. **Ciência Plural**, v. 7, n. 3, p. 290–307, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/25143/15407>. Acesso em: 24 out. 2024.

MADRUGA, T. F. L. Caracterização das orientações sobre aleitamento materno recebidas por gestantes e puérperas na cidade de Belo Horizonte. **Distúrbios Da Comunicação**, v. 32, n. 4, p. 615 - 625, Novembro, 2020 . Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/46015>. Acesso em: 29 abr. 2023.

MAIA, P.R.S. *et al.* Rede nacional de bancos de leite humano: gênese e evolução. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 3, p. 285 - 292, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/vWFyjqdVRwGs3KzdcXf74ny/?lang=pt>. Acesso em: 03 mai. 2023.

MELO, C.S.; GONÇALVES, R.M. Aleitamento materno versus aleitamento artificial. **Estudos Vida e Saúde**, v. 41, p. 7-14, Outubro, 2014. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/3804>. Acesso em: 03 mai. 2023.

MENDES, K. D. S; SILVEIRA, R. C. P; GALVÃO, C.M. Revista integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Revista texto e contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.17, n.4, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2023.

MENDES, S. C. *et al.* Fatores relacionados com uma menor duração total do aleitamento materno. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 5, p. 1821–1829, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/NCC5J3jDRFsxSm66rbQyfLk/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 16 out. 2024.

MORAES, I. C. *et al.* Mothers' perceptions of the importance of breastfeeding and difficulties encountered in the process of breastfeeding. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 5, n. 2, p. 1-6, 2020. Disponível em: https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=3558&id_revista=55&id_edicao=225. Acesso em: 03 mai. 2023.

MONTE, C. M. G.; GIUGLIANI, E. R. J. Recomendações para alimentação complementar da criança em aleitamento materno. **Jornal De Pediatria**, v. 80, p.131-144, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/yQR8jg4Y6x9VcWtBq6nBT4Q/>. Acesso em: 29 mai. 2023.

ODDY, W.H. Breastfeeding in the first hour of life protects against neonatal mortality. **Jornal de Pediatria**, v. 89, n.2, p. 109-111, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0021755713000296>. Acesso em: 03 mai. 2023.

PALHETA, Q. A. F.; AGUIAR, M. F. R. Importância da assistência de enfermagem para a promoção do aleitamento materno. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 8, e5926, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/5926>. Acesso em: 25 set. 2024.

PARENTE, K. M. T. *et al.* Aleitamento materno: benefícios para lactentes e nutrizes. **Peer Review**, v. 5, n. 4, p. 183–187, 2023. Disponível em: <https://peerw.org/index.php/journals/article/view/251>. Acesso em: 22 jun. 2024.

PASSANHA, A. *et al.* Influence of the support offered to breastfeeding by maternity hospitals. **Revista De Saúde Pública**, v. 49 , 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/130466>. Acesso em: 29 mai. 2023.

PEREIRA, L. C. DE A. *et al.* O lugar importa: prevalência de aleitamento materno exclusivo de acordo com a região, tipologia municipal e grau de urbanização no Brasil. **Hygeia**, v. 19, e1968606, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/68606>. Acesso em: 24 out. 2024.

POMPEO, D. A.; ROSSI, L. A.; GALVÃO, C. M. revisão integrativa: etapa inicial do processo de validação de diagnóstico de enfermagem. **Acta Paulista Enfermagem**, v. 22, n. 4, p. 434-438, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/KCrFs8Mz9wG59KtQ5cKbGgK/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

RIBEIRO, A. K. F. DOS S. *et al.* Aleitamento materno exclusivo: conhecimentos de puérperas na atenção básica. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 96, n. 38, p. e-021244, 2022. Disponível em: <https://www.teste.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1359/1361>. Acesso em: 24 out. 2024.

RIBEIRO, B. C., LIMA, L. C. e PALMA, G. H. D. Fatores associados à introdução precoce de alimentos: um estudo online. **Revista Terra e Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, Londrina, 2020. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/download/1390/1315>. Acesso em: 24 out. 2024.

RIBEIRO, M. R. C. Ocupação materna e duração do aleitamento materno exclusivo: resultados de uma coorte de nascimento em São Luís, Maranhão, Brasil, **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 7, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1384275>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ROCHA, F. N. P. S. Caracterização do conhecimento das puérperas acerca do aleitamento materno. **Revista de Enfermagem UFPE onLine**, v. 12, n. 9, p. 1-7, Setembro, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/235911/29926>. Acesso em: 03 mai. 2023.

ROCHA, G. P. *et al.* Condicionantes da amamentação exclusiva na perspectiva materna. **Cadernos de Saúde Pública**, p 1 - 13, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/BNcfBWcdjmSWptYdpH8nvtS/#>. Acesso em: 01 mai. 2023.

RODRIGUES, C. M. *et al.* Amamentação exclusiva e seus fatores condicionantes no vale do jequitinhonha e mucuri. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 91906–91919, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/20460>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SANTOS, I. X. P. *et al.* Benefícios do aleitamento materno exclusivo durante os primeiros meses de vida do recém-nascido. **Residência Pediátrica**. v. 12, n. 4-773, 2022. Disponível em: <https://residenciapediatria.com.br/detalhes/1238/beneficios%20do%20aleitamento%20materno%20exclusivo%20durante%20os%20primeiros%20meses%20de%20vida%20do%20recem-nascido>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SENANAYAKE, P.; O'CONNOR, E.; OGBO, F. A. National and rural–urban prevalence and determinants of early initiation of breastfeeding in India. **BMC Public Health**, v. 19, n. 896, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-019-7246-7>. Acesso em: 24 out. 2024.

SILVA, J. D. *et al.* Benefícios provenientes do aleitamento materno exclusivo. **Revista Uningá Review**, v. 16, n. 2, p. 1-6, 2013. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1473>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SILVA M. A. *et al.* Relação entre os tipos de aleitamento materno e o consumo de vitamina A e ferro em crianças de 6 a 12 meses. **Revista Ciência saúde coletiva**, v. 24, n. 11, p.409-418, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/qtC6NbFpmKhDdXBHztV79ts/?lang=pt&format=html#MoldalHowcite>. Acesso : 29 mai. 2023.

SILVA, T. G. DE S. *et al.* Prevalência e fatores condicionantes do aleitamento materno exclusivo: contribuições para as políticas públicas. **HU Revista**, v. 47, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/35367/23751>. Acesso em: 24 out. 2024.

SOUSA, F. L. L. *et al.* Benefits of breast feeding for women and newborns. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11208>. Acesso em: 19 abr. 2023.

TAKEMOTO, A. Y. *et al.* PRÁTICA DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO: CONHECIMENTO DE GESTANTES. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 8, p. 4170–4182, 2023. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/saude/article/view/9267>. Acesso em: 8 out. 2024.

UNDERWOOD, M. A. *et al.* *Bifidobacterium longum subspecies infantis*: champion colonizer of the infant gut. **Pediatric research**, v. 77, n. 1-2, p. 229–235. Outubro, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4350908/>. Acesso em: 14 abr. de 2023.

VICTORA, C. G.; BARROS, A. J. D. Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos, e efeitos ao longo da vida. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 387, p. 1-24, Janeiro, 2016. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v25n1/Amamentacao1.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Protecting, promoting and supporting breastfeeding in facilities providing maternity and newborn 154 services. Geneva: World Health Organization; **Guideline**, p.136, 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/259386/9789241550086-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 abr. 2023.